

otivo Antonio José Dias Pinto Coelho, visto que tem determinado no mesmo Brigadeiro para outros Serviços de sua confiança na Corte do Rio de Janeiro, e que em consequencia deve entregar o Governo das Armas ao Nomeado Marechal de Campo na conformidade do Decreto expedido nestes dias. S. A. R. Manda louvar ao mencionado Brigadeiro a sua condicção, e bons serviços a bom da segurança, e socego Publico, durante o seu exercicio no Emprego de Governador das Armas, e que fica muito na Sua Real Lembrança. Paço de Villa Rica 19 de Abril de 1822.

Estevão Ribeiro de Rezende.

Manda S. A. R. o Principe Regente participar ao Governador desta Provincia, que por Decreto desta data Houve por bem Promover a effectivo o Marechal de Campo reformado Antonio José Dias Coelho, e Nomear o Governador das Armas da mesma Provincia com os vencimentos, e vantagens, que lhe competem como Marechal de Campo effectivo, e empregado, e Ordena que sem dependencia do outro titulo, e em virtude somente do Seu Decreto, o mesmo Governo lhe mande dar posse, e o faça reconhecer como tal. Villa Rica 19 de Abril de 1822.

Estevão Ribeiro de Rezende.

Manda S. A. R. o Principe Regente participar á Junta da Fazenda Publica, que os 10 Pedrestes a quem se mandou assentar praça, devem estar ás Ordens do Governo para o emprego, que lhes designou, sabendo a mesma Junta aproveitar-se desta providencia para direcção de seus Officios. Paço de Villa Rica 20 de Abril de 1822.

Estevão Ribeiro de Rezende.

(Extractos de documentos impressos existentes no Archivo Publico Mineiro).

O PADRE DOMINGOS SIMÕES DA CUNHA

O padre Domingos Simões da Cunha nasceu no anno de 1755 na cidade do Paracatú, então arraial de S. Luiz e S. Anna, Minas do Paracatú, «comarca de Sabará», em uma chacara, denominada hoje «Bachheiro» e nessa epocha, «Capitão Mor», distante da povoação cerca de meio quarto de legua, onde tinha lavras de mineração de ouro, seu pae, o Capitão Mor Clemente Simões da Cunha.

Desde sua infancia mostrando muita vivacidade e amor aos estudos, seu pae que era um dos mais poderosos mineiros, procurou satisfazer a inclinação do esperançoso adolescente.

Para este fim, logo que completou os estudos de primeiras letras, fez-o entrar para a aula de latinidade do professor particular o padre mestre Rebordões, insigne grammaticus, que dotou a nascente povoação com mui distinctos discipulos, que se celebrisaram, como o nosso padre Simões, o dr. «Carlos Dias de Carvalho Paracatuense», o primeiro filho deste paiz, que se formou em Coimbra e muitos outros.

Ainda estudante de latim, desenvolveu o padre Domingos extraordinaria vocação para a poesia, compondo varios ensaios, que se perderam, mas que, segundo a opinião dos seus contemporaneos, inculcavam raro talento.

Tornando-se perfeito estudante de latim, lingua que conheceu cabalmente, e não encontrando mais alimento para a sua avidez de aprender, dirigiu-se á Bahia, já então moço, e ahi frequentou varias aulas, completando o curso de humanidades.

Então, desejando seu pae, que elle se ordenasse, tratou Domingos da Cunha de coroar a vontade do seu protector, mas, encontrando muitas difficuldades, devidas aos preconceitos do tempo pela sua condicção, marchou para Pernambuco, onde estudou Theologia e outras materias no Seminario de Olinda, recebendo ahi ordens sacras em 1779.

D'ahi regressou a seu paiz natal, e nelle viveu sempre geralmente estimado até o seu fallecimento, que teve lugar a 19 de setembro de 1824.

Sabia perfeitamente musica, e até compunha com apurado gosto, deixando disso muitas provas, e sendo sempre o mestre da Capella, e o primeiro que organisou em Paracatú, um coro regular de musica, e que introduziu os divertimentos theatraes.

Existem muitas cançõetas, ballatas e cantos populares, que o povo ainda repete, compostos por elle e postos em musica.

Fez para o nosso theatro algumas farsas e entremêzses, de que ainda possuímos alguns e entre elles — o «Gil-Braz», jocoso e ainda digno de applauso.

Sabia varias linguas, como a latina, italiana, franceza e tinha na Bahia adquirido algumas noções do dialecto indigena.

Escreveu varios sermões, que desapareceram, mas nunca pregou-os, porque agastou-se com uma admoestação que lhe fizera o vigario — dr. Antonio Joaquim Corrêa de Mello sobre certos assomos liberaes que transloziam em seus panegyricos.

Compoz inumeras poezias de diversos generos, todas ineditas e hoje quasi perdidas, mas o seu natural pendor era para a Satyra em que primava.

Consta que fizera um poemato, dedicado a D. João 6.º, e que, mandando-o com outras produções suas ao «Rio de Janeiro» ao seu contemporaneo, o dr. «Francisco de Mello Franco», para que fossem publicadas, o vendo a demora na satisfação do seu desejo, suppoz que fora isso menos peço e por isso chamou-as a si, e consumiu-as, entrando neste numero a muito notavel «Ode à Conceição de Nossa Senhora», da qual ainda ouvimos a repetição de trechos verdadeiramente encantadores e admiraveis.

Do muito que escreveu resta nos hoje pouco e muito mutilado, porque diz-se, que o que elle julgava melhor, fora o que collocou para remetter ao Rio, e que depois queimou, desde que formou o projecto de não dar á luz.

O seu estylo na prosa, era grave, singelo e conciso; mas, na poesia, modificava-se muito, tornando-se gracioso, familiar e sublime em certas comparações.

Metrificava com muita facilidade e era admirado pelas suas inspirações no improvisar.

Bom grammatico, escrevia com pureza e muita correção, como ainda hoje se vê de varios escriptos que restam de sua penna.

O padre Domingos Simões da Cunha era de estatura regular, de contextura muscular, trigueiro, cabellos pretos e crespos, testa grande e oval, olhos vivos, nariz bem lançado, labios grossos, bocca um pouco rasgada, excellentes dentes, physionomia alegre, um pouco curvado para diante e tinha o andar compassado e grave.

Era naturalmente effavel, muito polido e urbano no seu trato social, e muito espirituoso na conversação, mas muito independente de genio e orgulhoso.

Caridoso e philantropo empregou sempre os bens da fortuna, que herdou, como phylosopho, com prudente generosidade, desejando só nunca ser pezado a ninguem, como nunca o foi, pois, morreu sem nada dever, deixando em dinheiro 12 patações, que declarou serem sufficientes para o seu enterro.

As casas proprias em que morava na rua das Flores, sem moveis, sem livros, e mais objectos de seu uso, legou os ao padre Francisco Pereira Tavares, seu sobrinho.

Foi sepultado na Igreja de N. Senhora do Amparo.

Em 1863, pela primeira vez, foram tiradas a publico as poezias do padre Simões da Cunha, na «Bibliotheca Brazileira», sob a direcção de um dos nossos mais intelligentes e laboriosos cultores de letras, e distincto brasileiro Quintino Bocayuva, a quem tambem mandamos as cartas que vão aqui estampadas e que encorram o historico dessa publicação.

«Meu primo e amigo dr. Vaz Pinto Coelho.

Depois dos meus grandes excessos para alcançar dos amigos de Paracatú mais algumas poezias do nosso padre Domingos, e depois de as ter em mão, veio a fatalidade empecer e protellar a impressão das mesmas.

Essa, que eu chamo fatalidade vem a ser os deveres do seu cargo, que anda cumprindo, e os multiplicados affizes do meu, que tem interceptado nossas relações oraeis, indispensaveis em casos taes, como sabe.

Pouco posso dizer agora a respeito.

Vieram muitas poezias, mas algumas tão viciadas e incorrectas que não me atrevi a querer concertal-as; porque nesse caso seriam ellas obra minha e não do nosso poeta, o que seria um sacrilegio.

Corrigi alguns defeitos nas que vão remettidas, devidas aos copistas ou ao recitadores do côr, não ao poeta.

Um soneto que no meu pensar, está acima de todo o elogio (sobre a pobreza) veio com falta de um verso inteiro: os meus amigos de Paracatu' não quizeram, por modestia, supprir essa lacuna e deixaram a meu cuidado essa tarefa.

Cumpri, como pude, esse dever para com o poeta e para com os amigos: tomo-me, porém, de haver marchado as flores do soneto com meu bafo; tomo-me ainda mais do que se reconheça o pigmeu, assim como pelo dedo se conhece o gigante.

Embora! nesse passo não aspirei gloria alguma para mim, porque toda a minha consiste em tirar do olvido o nome do Poeta Mineiro, auxiliado pela dedicação com que meu amigo procura fazer justiça aos grandes genios.

As minhas intenções são boas, com ella me pago e satisfaço.

Ao meu particular amigo o sr. João Jacques Roquette Franco, devo a aquisição dessas poesias, bem como a biographia do poeta ao meu illustrado amigo o sr. dr. Joaquim Pedro de Mello.

Não poucos favores, neste empenho, devo ao sr. professor de latindade Sancho Porphirio de Ullúa, genio raro e talvez mal recompensado.

Ao meu amigo sr. Miguel de Sousa Machado, devemos tributar grande estima pelos esforços que fez a bem da nossa empreza; o não menor ao meu fiel amigo o sr. José de Sousa Guimarães que teve as mais estreitas relações, com o padre Domingos, e é poeta e musico, a quem a deficiencia da arte parece dar maior graça, quero dizer uma singoleza que só cabe a natureza.

Estes nomes, pois, não devem ficar no esquecimento etc.».

Padre Manoel Xavier do Valle

Illmo. Revmo. sr. padre Manoel.

Meu amigo.

Tambem envio um soneto e uma decima escriptas pela propria letra do poeta, e uma copia da Satyra do *Chapéu de Sol*, muito ostroptada hoje.

Do authographo, a que me refiro, si colher ainda um outro resultado, e é o conhecer-se a facilidade com que metrificava o poeta, porque foram feitas (soneto e decima) de improviso, sob a inspiração de uma trovada.

Além disto, dello se verifica a epocha, em que veio para este lugar o pai do poeta, pois que estão escriptos os verbos num pedaço de um credito, que traz a data—1741—que é a do descobrimento destas minas, e igualmente a firma do capitão-mor Clemente Simões da Cunha.

Devo advertir-lhe que, com toda a corteza, consta-me que a maior parte das poesias do padre Domingos existe em mão do padre João de Deus Gomes Camacho, morador no arrabal do Sant'Anna, Municipio do Patrocínio.

Para alcançar o autographo que remetto, foi-me preciso ir desenterrar-o em uma forja d'um Vulcano genro do João Matena, que ficara com os papeis deste.

Muitas pessoas entenderam que, sendo talvez o unico documento authentico, que possuímos, devia mandar-lhe copia e conservar o original; mas, eu, para dar-lhe testemunho do meu interesse pelo seu pedido sacrificio o meu bairrismo, e lh'o remetto.

Paracatu', 27 de agosto.—J. J. Roquette Franco.

Sonetos

A meus olhos em sonho se apresenta
(Não era espectro, porém gente viva)
Decrepita mulher, que, pensativa,
Aos pés do leito, juncto a mim se assenta :

Sordida, atropelada, macilenta,
Inculcando uma submissão nativa,
No rosto encosta a mão e reflexiva,
Lacrimosa soluça e se lamenta.

Em presença do vulto miserando,
Eis que assustado acordo, e então lhe digo:
«Quem e's, trite mulher? (lhe perguntando).

«Sou a Pobreza que procuro abrigo.»
Desgotoso fiquei; mas resmungando,
A' força a recolhi... Mora commigo.

O espontoso trovão não intimida
Ao justo;—ao peccador somente abala,
Porque apenas nos ares elle estala
Do remorso magoar vem a ferida.

Não receia perder a mortal vida,
Que mais tarde, ou mais cedo emfim se exhala;
Teme, por seu peccado, eternizal-a
Num tormento infinito, sem medida.

Mas o nosso bom Deus (alto juizo!)
Suspende por mil vezes, que dardeja
Esse raio, que mata de improviso.

Não se espante o mortal, aberta esteja!
Se o echo do trovão serve de aviso,
E' nosso amigo Deus quando troveja.

Oitavas (1)

Pavoroso trovão enche d'espanto
Ao mais forte mortal desabusado;
O virtuoso, sim; não teme tanto,
Porque nunca s'encontra descuidado :

(1) Foram improvisadas por occasião de uma trovada de que resultou ser fulminado um seu contemporaneo — Felipe Berlinda—Na mesma occasião, escreveu o seguinte distico :

*Fulminat Omnipotens, summo cadit oethere. Fulmen:
Quos amat, hos propria verberat ipse manu.*

O peccador recela a cada canto,
Que o raio punir venha o seu peccado;
Ouvindo a voz de Deus a quem recorre,
Quando troveja o Céu, pensa que morre.

Quando o Deus do trovão do throno augusto
Dispara sobre a terra o raio irado,
Geme, tremula o ar, fica de susto
O orbe nos seus eixos abalado.

Esse mesmo feliz, que, tão robusto,
Na saúde, não tem já mais olhado
Para a Mãe—poderosa, que o soccorre.
Quando troveja o Céu pensa que morre.

Decima

Emquanto a tormenta dura,
Emquanto sôa o trovão,
Palpitando o coração
Só com Deus fallar procura;
Mas logo qu'a nuve escura
Em chuvelros se desata,
Esquecido já não trata
De mitigar o furor
Desse Deus trovejador
Que forja o raio que mata.

—Queixas do Presbytero Indigente—

Oh quantas vezes! quantas!
Só do interesse levado,
Impuros sobre os Altares
Eu tenho sacrificado!
Maldita necessidade,

Que a tanto obriga a vontade!
Oh quantas vezes! quantas!
Armando a benevolencia,
No Tribunal, constrangido,
Me assento da Penitencia!
Maldita necessidade, etc.

Quantas vezes, maldizendo,
Ao *Breviario* eu em avanço,
(Pensão dura que não tem
Nem um dia descanso!)
Maldita necessidade, etc.

Quantas vezes semear
Vou, na vinha do Senhor,
Somente p'ra adquirir
Ganho o nome de Orador!
Maldita necessidade, etc.

Quantas vezes—sem vergonhar
Do povo reparador,
Obro coisas que desdomam
Do meu estado o pudor!..
Maldita necessidade, etc.

Quantas vezes no Congresso
Por manta a adulação,
Devoro, sem caridade
Na honra de meu Irmão!
Maldita necessidade, etc.

Por uma pataca e ... menor,
Quantas—quantas madrugadas
Vou, rebuçado na capa,
Celebrar Missas privadas!
Maldita necessidade, etc.

Quantas vezes tropeçando,
Soffrendo algumas mazellas,
Vou acompanhar os mortos
Atraz do dinheiro e vellas!
Maldita necessidade, etc.

Quantas vezes na Piscina
Me lavo (não por pureza)
Mas para ter, nos sacrificios
Desculpa minha avareza!
Maldita necessidade, etc.

Oh quantas vezes! quantas!
Do character me arrependo,
Quando se passam semanas
Que os *dous sagrados* não vendo!
Maldita necessidade, etc.

Maldita necessidade!..
Diabolica ambição!..
Qu' escureces a virtude
E que offusca a razão!..
Ordenei-me porque tinha
Para *padre* propensão...
Eis ahi—no que esbarrou—
Minha santa vocação.

Decima (4)

A improba mocidade
 Que por si valor não tem,
 Ataca um homem de bem,
 A pretexto de piedade:
 Por ver sua habilidade
 Nas amorosas acções
 Em vez de tecer festões
 Para uma aurea Capella
 Pendura-lhe na janella
 Um rosario de limões!

O que chamam branquidade

Eu não sei em que consiste
 O que chamão branquidade!
 Si na côr, si na entidade,
 Ou si tem outro algum chiste!
 Si monarchas nunca viste
 Sabes que elles brancos são?...
 Os brancos, em conclusão,
 Levam bispotes ao mar,
 Por ladrões vão-se a enforcar...
 Onde está o ser branco então!..

Onde está o ser-branco, então?
 Não busques no exterior,
 Que o accidente da côr
 Não e que dá distincção:
 Entra no seu coração;
 Ve se tem uma alma nobre,
 Genio illustre, ainda que pobre,
 Acções de homem de bem;
 Si nada disto elle tem
 E' negro,—por mais que obre.

(1) Morava na Rua das Flores um velho gamenho que queria correr paúlhas com os rapazes no campo de Venus.

Estes zangados pozeram-lhe na janella um rosario de limões. O padre Domingos morava na mesma rua; ao levantar-se viu o rosario, comprehendeu o epigramma e logo improvisou esta decima.

Eu vejo um branco de bem
 Dentro d'uma carruagem;
 Na trazeira leva um pagem,
 E este o branco tambem.
 Não me dirá, pois, alguém
 Onde está a distincção?
 Ambos os dois brancos são,
 O de dentro e o da trazeira.
 —Não se dá maior asneira!...
 Onde está o seu branco então!..

Onde está o seu branco então!..
 Dentro d'alma estão os dotes.
 Ha reis pretos, sacerdotes,
 Grandes, em toda a nação.
 Mostraça prata branquidão,
 O ouro fusco—é mais nobre;
 A cor é um véo que encobre,
 Bons e máos. O sangue é igual;
 Quem põe nelle o especial
 E'—negro—por mais que obre.

E' branco o papa e o rei,
 Fidalgo, duque, plebeo;
 O moro, o indio, o judeo,
 O pastor que guarda a grei;
 Tapuio é branco por lei;
 Os carrascos brancos são;
 Marquez, criado e villão,
 Mochilas e mariollas...
 E' branco tudo... Ora bolas!
 Onde está o seo branco então!..

Distico nas exequias do padre Balthazar

*Dormit, et in feretro nunc audit tristia fratrum Carmina, quæ cecinit,
 concomit ante choro*

A ambição

A ambição que andou corrida.
 Um tempo (qualquer que seja)
 Refugiou-se na igreja
 Foi ahí bem recebida
 E' em toda acção ouvida,
 E' a primeira consultada...
 Vendo paga' adiantada,
 Ou ao menos bem segura,
 "Profana a sancção mais pura,
 Vende a coisa mais sagrada!

A' feliz e suspirada vinda do nosso amado Pastor o revm. sr. *Joaquim de Mello Franco*.

Quando o gosto sobrea abunda
Nã se atreve o silencio a suffocal-o.
Embora seja a voz menos fecunda
Convem manifestal-o.

Aquelle que cantou—musa saudosa
Sua auzencia nos threnos do elogio.
No seu regresso entã hoje gostosa
Os euges da alegria.

Euge, paracatuenses, habitantes,
Longe de nã suspiros e pezares.
Ja honestos prazeres como dantes
Rodeam nossos lares.

Jã no alto dos montes, nem nos valles
Sãa mais o balato enternecido
Da grei, que recantando andou seus males
Ao tempo desabrido.

Cessou o pranto: o rizo só domina:
A tristeza fugio: foi-se o desgosto!
A saudade cruel—pena molina
Bannida deu de rosto.

Jã o caro pastor, guia amoroso,
Da auzencia o triste luto rasgar velo;
E levar seu rebanho sequioso
A's fontes de recreio.

Jã soccorros de prompta providencia
Encontra nelle o misero mendigo,
Que opprimido vivia da indigencia
Sem descobrir abrigo.

A desgraçada ovelha já tem guarda,
Que das garras do lobo devorante
Salva, deffende e intrepido a resguarda
Com zelo vigilante.

Jã não teme a viuvez e a orphandade
Tomar estado por não ter haveres,
Sem lucro elle despende da equidade
Os pastoraes deveres.

Despido da valdosa insufflação
Quando ao selo do pobre o pão ministra
Canto, não sabe a dextra da sinistra
Porquanto esconde a mão.

Seus dotes não recordo lisongeiro;
Fumar da adulação aqui não cabem:
Delles formo um compendio verdadeiro
Que todos vêm' e sabem.

Nã vimos como em jubilos banhados
Grandes, pequenos, quantos aqui moram.
Ao aposento seu apressurados
Por vel-o se afervoram.

Nã vimos o rumor?... accelerado
Andar de boca em boca, porta em porta
Annunciando que era já chegado
O bem que nos conforta.

Nã vimos uns aos outros dentre as gentes
Parabens mutuamente alegres darem:
Mesmo ovelhinhas tenras, innocentes
De ouvir se gloriarem.

Que dita immensa! Que porvir! Que glorioso
Para um'alma que tantas mil dirige!
Que assumpto para acções gratulatorias.
Maior applauso exige!

Parabens, habitantes venturosos,
Que um tal pastor vos deu o céu benigno.
Participae por annos numerosos
De tão feliz destino.

Se eu pudesse apromptar de cordas d'ouro.
Lyra de finas pedras guarnecida
Nella iria entoar um fausto agouro
A sua amavel vida.

Porem, meu instrumento é crasso e inerte.
Nã pode requintar em tom que agrade!
Se vozes ha de urdir que desconcerte
Offerto-lhe a vontade...

Cante seus predicados relevantes
Outra muza de mais engenho e arte.
Se a cantar me arrojel seus dons brilhantes
Foi por ter nelles parte.

Algumas outras composições do P. «Sirdes da Conha» possuímos nós, e que tomarão logar na collecção que sob o título.....preparamos.

Dellas uma—A «Seringa»—sem nome do A. foi publicada no *Cor. reio da Tarde* (n. de... de março de 1858) precedidas destas palavras

da penna de um outro illustre Mineiro, confrade do nosso padre Domingos, como elle poeta e padre:

«Diz o distincto litterato A. F. de Castilhos no seu interessante tratado de metrificacão, que o Soneto nasceu e morreu com Bocage.

E tem razão.

Não obstante, julgamos que será applaudido o soneto que passamos a transcrever, feito por um sertanejo lá das partes de Paracatu.

O assumpto não é dos mais parlamentares, mas como não offende a honestidade com palavras indecentes, o autor e os leitores nos relevarão a indiscripção.

.....

JOSÉ CESARIO DE MIRANDA RIBEIRO

(Visconde de Uberaba)

N. em 1792. M. em 1856

Quid est homo quia magnificas eum?

Nasceu José Cesario de Miranda Ribeiro, visconde de Uberaba, na cidade de Ouro-Preto, em o anno de 1792, sendo seus paes Theotônio Mauricio de Miranda Ribeiro e D. Antonia Luiza de Faria Lobato, irmã do fallecido senador João Evangelista de Faria Lobato.

Serviu seu digno paó o emprego de thesoureiro da Junta da Fazenda daquella Provincia com tanta honradez e pontualidade que apenas deixou á sua familia um bom nome e a seus filhos uma regular educaçáo.

Era o fallecido Visconde o mais moço de todos, e, não podendo acompanhar seus irmãos na profissáo das armas, a que se haviam dedicaáo, e que aliás repugnava ao seu genio, naturalmente pacifico e brando, dedicou-se todo ao estudo das materias que então se ensinavam na provincia; e tantos progressos fez pelo seu talento e applicação que mereceu sempre alta estima de seus mestres, chegando a gozar, ainda em tenros annos, de um grande nome e de uma vasta reputação.

Em 1816 matriculou-se na Universidade de Coimbra e voltava em 1821 ao seu paiz, coroado de louros e coberto de gloria, sim, porem incerto de sua sorte futura, quando ao chegar ao Rio de Janeiro teve a grata noticia de que a provincia de Minas o honrara com a sua confiança, elegendo o deputado ás Côrtes de Lisboa; mas não o a este o theatro em que tinha elle de representar, porque não se verificando a ida dos deputados Mineiros áquella cidade por motivos que são sabidos, aqui ficou, e teve de servir o seu paiz como magistrado, como aministrador e como seu digno representante.

Nós o acompanharemos em cada um destes empregos.

Despachado de Juiz de Fóra para S. João D'El-Rei em 1823, ahi serviu trez annos; e com tal honradez, intelligência e imparcialidade